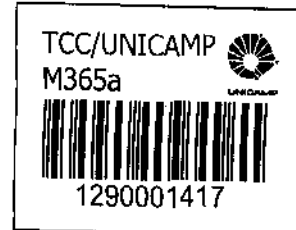




ANÁLISE DA REALIDADE DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

THÁBATA PERSINOTTI MARTINI

**Campinas
2003**



THÁBATA PERSINOTTI MARTINI

**ANÁLISE DA REALIDADE DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
NO ENSINO MÉDIO**

Monografia de conclusão de curso
como pré-requisito obrigatório para a
obtenção do título de Licenciatura em
Educação Física apresentada à
Faculdade de Educação Física da
Universidade Estadual de Campinas.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Sergio Perez Gallardo

**Campinas
2003**

Comissão Julgadora

Prof. Dr. Jorge Sergio Perez Gallardo

Prof. Dra. Elaine Prodócimo

Prof. Mestrando Rubens Venditi Jr

Este exemplar corresponde à redação
final de monografia de Thábata Persinotti
Martini, apresentada em novembro de 2003.

Data: ____/____/____

Orientador Prof. Dr. Jorge Sérgio Pérez Gallardo

Dedicatória

Dedico esse trabalho à minha mãe, por sempre me dar forças nas horas mais difíceis e por me mostrar o verdadeiro significado de ser amiga, mãe e uma educadora de sucesso.

À minha filha, Agatha, por me apresentar uma nova visão do mundo.

Agradecimentos

Agradeço à Karina, amiga querida, pelas dicas, conversas e descontrações que fizeram com que esse trabalho fosse possível.

Ao Faísca, pela paciência, por me motivar nas horas decisivas e por acreditar no meu trabalho.

Ao Ricardo, simplesmente por estar ao meu lado.

A todos aqueles que de uma forma indireta participaram deste trabalho, professores, amigos e familiares que estiveram presentes nessa importante caminhada.

"Não basta o aluno correr ao redor da quadra; é preciso saber por que está correndo, como correr, quais os benefícios advindos da corrida, que intensidade, frequência e duração são recomendáveis. Não basta aprender as habilidades motoras específicas do basquetebol; é preciso aprender a organizar-se socialmente para jogar, compreender as regras como um elemento que torna o jogo possível (e portanto é preciso também que os alunos aprendam a interpretar e aplicar as regras por si próprios), aprender a respeitar o adversário como um companheiro e não um inimigo a ser aniquilado, pois sem ele não há jogo; é preciso, enfim, que o aluno seja preparado para incorporar o basquetebol e a corrida em sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível."

Mauro Betti

Resumo

Através da análise feita dos relatórios de visitas às instituições educacionais do Ensino Médio feitos pelos alunos de licenciatura em Educação Física da Unicamp, na disciplina obrigatória MH502, Educação Motora II, realizadas nos períodos de 2001 e 2002, foi feito um retrato da realidade das aulas de Educação Física nesse nível de ensino da cidade de Campinas e Região.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi feito um breve relato da história da Educação Física no Brasil, acompanhando os passos que essa seguiu até os dias de hoje; um levantamento de algumas características do aluno de Segundo Grau no seu desenvolvimento biológico, psicológico e social e o sentido que estes alunos têm das aulas de Educação Física; e uma amostra do que propõe os PCNs dentro do Ensino Médio. Após esse procedimento, os dados obtidos foram analisados através de tabelas e discussões, e na conclusão foram expostos os resultados relacionando-os à bibliografia utilizada. O objetivo deste trabalho não é chegar a uma nova proposta de aulas de Educação Física para o Ensino Médio, mas sim mostrar em que condições essas aulas estão sendo ministradas, e os conteúdos utilizados mostrando a fragilidade da Educação Física no Ensino Médio.

Abstract

Through the analysis of some brazilian high schools visit reports made by the graduation students in Physical Education at State University of Campinas, attending the lecture MH502 – *Educação Motora II* (Motor Education II), during the years 2.001 and 2.002, I come up with this work to make a picture of the Physical Education reality in this education level.

Therefore, I present a brief report of the history of Physical Education in Brazil, following the changes that have happened up to nowadays; I describe some characteristics of high schools students like their biological, psychological and social development, and their perception about the Physical Education classes; and what the PCN (*Parâmetros Curriculares Nacionais*, or the brazilian guide to standard curriculum) purposes on the secondary level. Afterwards, the collected data is analyzed using tables and arguments, and in the conclusion I relate the results, connecting them to the researched bibliography. The objective of this work is not to aspire to a new proposal to the Physical Education classes for high school students, but to show the conditions that these classes are being applied, emphasizing the worked content.

SUMÁRIO

Metodologia.....	1
Introdução.....	3
1. Um Breve Histórico.....	8
2. O Aluno do Ensino Médio.....	14
2.1. Adolescência x Puberdade.....	15
2.2. O Sentido da Educação Física em Alunos do Ensino Médio.....	18
3. Sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio na Educação Física (PCNEM – EF).....	21
3.1. O Conhecimento em Educação Física dentro dos PCNs.....	23
4. Análise dos Dados.....	27
5. Considerações Finais.....	33
6. Bibliografia.....	35
7. Anexo.....	37

Lista dos Quadros

QUADRO 1: Categoria A - Tipo de Escola.....	27
QUADRO 2: Categoria B – Infraestrutura da Escola.....	28
QUADRO 3: Categoria C – Agente Pedagógico.....	29
QUADRO 4: Categoria D – Caracterização das Aulas.....	30
QUADRO 5: Quadro dos Conteúdos das Aulas de Educação Física.....	31

Metodologia

A presente pesquisa foi feita com o método qualitativo através de análises feitas de relatório de visitas às instituições educacionais de Ensino Médio, relatórios esses produzidos por alunos do curso de graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, do Estado de São Paulo, na disciplina obrigatória MH502 – Educação Motora II, no período de 2001 e 2002.

Para análise foi feito um levantamento dos dados que seriam interessantes para uma melhor visão da atual situação das aulas de Educação Física dentro desse nível de ensino. Os mesmos tiveram como critério as características que eram essenciais a serem observadas existentes no roteiro de visitas em anexo. Das características observadas foram elencadas as presentes na busca de atingir o objetivo proposto.

Os dados analisados foram divididos em categorias semânticas (temáticas), com o objetivo de fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos (BARDIN, 1977), são elas:

- **Categoria A:** Tipo de Escola
- **Categoria B:** Infraestrutura da Escola
- **Categoria C:** Agente pedagógico
- **Categoria D:** Caracterização das Aulas

Dentro de cada categoria sub-grupos foram feitos para uma melhor especificidade da análise, são eles:

- **Categoria A:** - Escola particular ou pública, esse é um dado importante para analisarmos se há diferenças entre as duas instituições na rede de ensino;
- **Categoria B:** - Espaço físico utilizado para as aulas de Educação Física;
 - Se os materiais são diversificados ou restritos, entendendo-se que esses dois itens podem influenciar no planejamento das aulas.
- **Categoria C:** - Se há atualização na área ou não por parte dos professores;
 - Tempo de experiência de cada professor;
 - Motivação do professor e do aluno, sendo esses itens importantes para analisarmos o perfil do agente pedagógico que ministra as aulas de Educação Física no Ensino Médio.
- **Categoria D:** - Número de aulas por semana;
 - Tempo de duração das aulas;
 - Relação professor e número de alunos;
 - Aulas planejadas ou não;
 - Conteúdo das aulas; sendo todos os itens importantes para uma visão mais geral sobre as aulas de Educação Física, porém foi dada mais ênfase no último item, o qual é motivo deste estudo.

Durante a obtenção dos dados, foi feita uma revisão bibliográfica relacionada ao assunto, porém essa bibliografia se mostrou escassa.

Introdução

Há alguns anos que a Educação física Escolar vem perdendo sua identidade nos vários níveis de ensino, mas nenhum nível é tão preocupante como o Ensino Médio. Um dos problemas que refletem essa falta de identidade nesse nível escolar é a terceirização das aulas de Educação Física que muitas escolas particulares de grande porte estão adotando, nas quais os alunos são obrigados a freqüentarem academias, com direito a escolher as atividades que lhes são oferecidas, sem que essas aulas tenham algum embasamento pedagógico relacionado à filosofia da escola.

Se não há a terceirização, há as aulas do “rola-bola”, nas quais os alunos que queiram jogar escolhem uma bola, se organizam e jogam a modalidade escolhida sem a orientação do professor, o qual fica sentado lendo jornal. E quando há aula, qual o principal conteúdo? Esporte. E esse é trabalhado da seguinte forma:

“As aulas de Educação Física nas escolas estruturam-se na prática esportiva com características de: um esporte competitivo, determinado pela obediência, fiel às leis que o regulamenta; um esporte competitivo onde há a ausência de cooperação e prevalência de individualismo; um esporte que visa a vitória, permitindo a exploração e até incentivando a idéia de tirar vantagem do mais fraco”. (MOREIRA, 1993, p. 19).

Com esse quadro, foi decidido fazer essa pesquisa com o objetivo de analisar a situação das aulas de Educação Física no Ensino Médio com base nas observações e nos relatos de alunos da disciplina MH502 – Educação Motora II, do curso de Educação Física da Unicamp nos anos de 2001 e 2002, enfatizando o conteúdo trabalhado nessas aulas,

porém tentando passar ao leitor uma visão mais ampla sobre o assunto, mostrando em que condições essas aulas são ministradas.

O trabalho teve início com a busca de autores que estudaram a mesma problemática, porém foi constatado uma escassez de bibliografia sobre o assunto. Poucos estudiosos tiveram a devida preocupação com o quadro atual das aulas de Educação Física no Ensino Médio.

Em um artigo escrito em 1993, intitulado “Educação Física no 2º Grau: novas perspectivas?”, Ídico Luiz Pellegrinotti nos diz sobre o descaso existente com a disciplina dentro desse nível de ensino:

“(...) necessidade de trabalho, preocupação para o vestibular e início da adolescência. Nesse momento a Educação Física é vista pelos alunos como algo que atrapalha o seu plano de vida, já que o conteúdo trabalhado em forma de jogos não mais satisfaz como disciplina de um currículo escolar”
(PELLEGRINOTTI, 1993, p.108).

Mas por que essa visão de “atrapalhar” o currículo escolar, quando na verdade, a Educação Física pode muito bem ajudar o aluno trabalhador, ou o aluno preocupado com o vestibular, se ela for trabalhada de maneira mais ampla e criativa, com discussões riquíssimas? O mesmo autor expressa alguns conteúdos que podem fazer parte do planejamento de aulas para o 2º Grau:

- “- discutir o compromisso do esporte com a nossa sociedade;*
- incorporar as atividades da moda com uma análise crítica;*

- *discutir qual a melhor forma de exercitar-se e passar o conhecimento para utilização dos aparelhos de exercícios instalados em parques de lazer, etc.*” (PELLEGRINOTTI, 1993, p. 109)

Uma outra proposta de conteúdo foi feita pelo professor de Licenciatura da Faculdade de Educação Física da Unicamp, Jorge Perez Gallardo (2003), a qual consiste numa visão integrada para o Ensino Médio, esta proposta tem como objetivo central o trabalho da autonomia do aluno para sua inserção no meio social, assim o autor indica para a primeira série do Ensino Médio que o professor ofereça todos os conhecimentos que dizem relação com o corpo e de como o aluno deveria trabalha-lo de forma autônoma e independente, já para a segunda e terceira série o autor indica que nessas séries deveria ser trabalhado a autonomia e a inserção social utilizando para esse objetivo todos os conhecimentos que lhe permitam transformar o aluno em líder comunitário, assim o professor deveria formar líderes que assumam as funções tradicionais da escola (organização de eventos, cursinhos de capacitação, organização de ruas de lazer, entre outras muitas atividades).

“O desenvolvimento de um programa de aptidão Física e da Saúde não deve ser trabalhado isolado do contexto educativo e formativo do adolescente e da escola, caso contrário este programa se transforma numa mera receita e com fim em si mesmo, perdendo-se o sentido de formação humana. Se esta orientação não é seguida, com seguridade que o aluno terminará

por afastar-se destas práticas, já que não encontrara nelas um significado ou relação para inquietudes de adolescente. Assim, é de extrema importância que os conteúdos sejam contextualizados, para que o aluno perceba a relevância do programa escolar na satisfação de suas necessidades, características e interesse” (PÉREZ GALLARDO, 2003).

Nestes dois últimos anos, as aulas de Educação Física seriam destinadas à criação e conscientização de líderes comunitários, os quais poderiam se envolver em várias áreas, como por exemplo, eventos esportivos, de dança, ginástica etc. Essa proposta tem como principal objetivo criar cidadãos autônomos, críticos e conscientes para a prática de atividades físicas e criação de eventos, assumindo uma liderança.

Após a dificuldade em encontrar uma bibliografia adequada, alguns relatórios de visitas feitos às instituições educacionais na matéria obrigatória do curso de Licenciatura da Faculdade de Educação Física da Unicamp, MH 502 – Educação Motora II, com a finalidade de obter dados para retratar a verdadeira realidade das aulas de Educação Física no Ensino Médio foram considerados. Esses dados foram analisados e eles são os principais norteadores da presente pesquisa. Para uma análise mais completa, foram discutidos alguns pontos que devemos levar em consideração para um melhor entendimento desses dados.

A pesquisa foi dividida em três capítulos, no primeiro capítulo, “*Um Breve Histórico...*” para situar o leitor do momento histórico em que a Educação Física

como ciência está passando; o segundo capítulo, “*O Aluno do Ensino Médio*” tem como objetivo indicar as principais características do educando que está em questão; e no terceiro capítulo, “*Sobre os PCNEM*”, o qual traz uma proposta de conteúdo que deveria ser trabalhado em todas as instituições de ensino, mas o que na realidade não acontece. Finalizo o trabalho com a análise dos dados e algumas considerações finais e proposições que nos incitam à não concluir esse trabalho, mas deixar algumas questões em aberto para futuras reflexões.

1. Um Breve Histórico...

Para situar o leitor dentro do momento histórico pelo o qual a Educação Física está inserida nos dias de hoje, será feita uma pequena linha do tempo de como essa área se desenvolveu no Brasil, como seus conteúdos foram influenciados pelas teorias européias e pela classe dominante de cada época, baseando-me no livro do professor Lino Castellani (1994), assim chegando aos problemas que evidenciamos nas instituições de ensino, enfatizando o Segundo Grau, atual Ensino Médio.

A história da Educação Física em muitos momentos se confunde com a dos militares, isso se justifica pelo fato deles serem os pioneiros da arte de “educar”/disciplinar/condicionar através das atividades físicas. Em 1810, logo após a chegada da família Real ao país, foi criada a Escola Militar, chamada de Academia Real Militar, a qual objetivava a criação de um exército capaz de defender a nação e principalmente a família Real.

Com a nossa sociedade cada vez mais influenciada pelos costumes europeus, não poderia ser diferente dentro das teorias de atividades físicas que em 1860 introduziu na Escola Militar o método alemão de treinamento em seus soldados, o qual tem como principais características, além da preocupação com o corpo robusto (esse método era baseado em leis da fisiologia, havia uma preocupação com “*os cuidados higiênicos com o corpo e com o espaço onde se vive*” (SOARES, 1994, p. 66). Esses foram os primeiros momentos da Educação Física inseridos em nosso país, porém esses com caráter restritamente militar. Em 1882, Rui Barbosa defende a introdução da Educação Física na grade curricular nas instituições de ensino da época, o que causou um movimento contra da classe dominante, essa não concordava com o fato de práticas de atividades físicas fazerem

parte do contexto da vida de seus filhos dentro da escola, por essa ter uma índole totalmente intelectual, desprezando a presença da atividade física.

Rui Barbosa, tanto refletido em professores como em atletas, ou mesmo em praticantes de atividades físicas, como forma de argumento, usa em seu Parecer o discurso de Juvenal: “mente sã em corpo são”. Esse fato é um dos marcos da visão dualista do homem encontrado até hoje em nossa sociedade, ocasionando um certo preconceito da área de Educação Física, tanto refletido em professores como em atletas ou mesmo em praticantes de atividades físicas. Porém, Rui Barbosa não defendia o método alemão dentro das escolas, mas sim, o Método Sueco, que também é defendido por Fernando de Azevedo décadas mais tarde, pois

“estes pensadores atribuem à Ginástica Sueca uma maior adequação aos estabelecimentos de ensino, dado seu caráter essencialmente pedagógico (...). Com isso, lentamente, a ginástica alemã vai se restringindo aos estabelecimentos militares e a ginástica sueca vai se tornando mais adequada para a Educação Física civil, quer seja no âmbito escolar, quer seja fora dele.” (SOARES,, 1994, p.74)

No ano de 1907, foi fundada a primeira escola de Educação Física no país: a Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo, fundada pela missão militar francesa, ou seja, tem-se a influência do método francês em nossas atividades físicas, esse método consistia além da preocupação com o corpo anátomo-fisiológico, na gama de qualidades psicológicas e morais a serem desenvolvidas, *“essas qualidades teriam ainda por finalidade o alcance da ‘saúde’, o prolongamento da vida e, conseqüentemente o*

melhoramento da espécie humana”(SOARES, 1994, p.76). Deixa-se claro que, até esse momento, não houve uma Educação Física teórica ou prática totalmente nacional para ser trabalhada pelos militares.

Em 1922, o Ministério da Guerra cria o Centro Militar de Educação Física, o qual objetivava coordenar e difundir o novo método (método francês) de Educação Física e suas aplicações desportivas. Entretanto esse Centro só passou a existir de fato mais tarde, com o funcionamento do curso provisório de Educação Física.

Em 1939 foi criada a Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil, onde ocorreu a formação dos primeiros professores civis de Educação Física. Essa formação foi marcada com a presença de militares como responsáveis por ministrar o curso, pois, como observamos, era apenas de responsabilidade militar a prática de atividades físicas, que ainda não podemos chamar de Educação Física e sim de disciplinar/condicionar o físico, saber obedecer as ordens superiores era a principal função da Educação Física daqueles tempos.

Mas não só de influências militares forma escritas essas linhas, junto à isso vemos a contaminação dos princípios positivistas – os quais defendiam que para o país chegar ao progresso era preciso ter ordem. Assim, a Educação Física assumiu uma papel de estabelecimento e manutenção da ordem social, que levaria ao “progresso” da nação. Inicia-se aqui a importância da Educação Física como uma produtora de indivíduos “fortes” e “saudáveis”, ela se torna uma educadora do físico e da saúde corporal.

“Contudo, esse entendimento da Educação Física não se deve exclusivamente aos militares, a eles juntavam-se os médicos com uma ação calcada nos princípios da medicina de índole higiênica” (CASTELLANI, 1994, p.39). Essa medicina higienista citada por

Castellani tinha como objetivo principal “*redefinir os padrões de conduta física, moral e intelectual da nova família brasileira*” (CASTELLANI, 1994, p.39). Os métodos de atividades físicas dessa linha de pensamento também tiveram origem européia. A higiene foi imposta à sociedade através de uma Educação Física, Moral, Intelectual e Sexual inspirada nos conceitos sanitários da época.

A partir da teoria higienista, a Educação Física é definida por um papel de extrema importância na criação de um corpo saudável, robusto e harmonioso organicamente. Com essas características, a Educação Física também é relacionada com a Educação Sexual, ou seja, segundo os higienistas, a Educação Física deveria ser capaz de “*transformar homens e mulheres em reprodutores e guardiões de proles e raças puras*” (CASTELLANI, 1994, p.44). Nesse momento, nota-se que o racismo ganha forças dentro de nossa área.

Em 1940, há promulgação do Decreto Lei nº 2072, o qual dispunha da obrigatoriedade da Educação Física na infância e juventude, junto com a Educação Cívica e Moral. Todas com objetivos claros: alienar o indivíduo da realidade política (contra o comunismo), social e econômica do país, além da purificação da raça.

Com a relação existente entre Educação Física e Sexual, a mulher é prejudicada, pois não se tem mais uma visão da mulher como um ser humano do sexo feminino, ela é vista como a futura mãe, papel esse “importantíssimo” para nova busca da nação. Com isso, é promulgado o Decreto Lei nº 3199, de 1941, que diz: “*às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza (...)*”, sendo assim, desde cedo meninas eram obrigadas a fazer ginásticas de baixa intensidade, que não “corrompesse” seu corpo, mas apenas o deixasse saudável para exercer a maternidade. Somente em 1965 é que essa situação é modificada com Deliberação do Conselho Nacional

dos Desportos, nº 7/65, “às mulheres se permitirá a prática de desportos (...), inclusive em competições (...)”, e em 1979 é permitida a prática e participação de competições de mulheres na modalidade de Lutas.

Mas o que está acontecendo diretamente com o ensino secundário, atual Ensino Médio? Desde o movimento de “mundialização” das modalidades desportivas, que a Educação Física utiliza o esporte como conteúdo para seus fins, o que não é diferente para o Ensino Médio, já que ele é o principal recurso. O Esporte como único conteúdo a ser passado nas aulas de Educação Física é um problema ainda menor se compararmos ao modo com o qual ele é trabalhado dentro das instituições educacionais. Roberto Paes defende o “jogo possível”, o qual *“possui um caráter lúdico e ao mesmo tempo pode ser um facilitador para os alunos compreenderem a lógica técnica-tática dos jogos coletivos”* (PAES, 2002, p.94). Os professores não precisam trabalhar o esporte de modo a fazer com que os alunos fiquem apenas repetindo habilidades específicas de cada modalidade. Não é preciso saber jogar para aprender e sim jogar para aprender.

Outro aspecto negativo é o de que a Constituição legaliza a Educação Física como sendo facultativa no período noturno e nos ensinos profissionalizantes, enfraquecendo essa disciplina nesse nível de ensino.

Outro agravante é a transferência da Educação Física para o período oposto do restante da grade curricular, ou seja, a Educação Física é ministrada fora do horário normal, como consequência, temos uma grande evasão de alunos que conseguem dispensas médicas ou de trabalho para não participarem das aulas, o que é permitido segundo a legislação.

Historicamente, vemos que a ampliação do Ensino Secundário se deu apenas majoritariamente no ensino particular e em poucas instituições públicas. Porém, o ensino

profissionalizante atinge um número maior na população de classes mais baixas, havendo assim uma diferença nas formações educacionais entre classes: a dominante tinha ou tem uma formação com predominância intelectual, enquanto que o “povão”, uma formação mais ligada ao âmbito profissional, criando um maior número de trabalhadores, o que era exigido para a situação econômica da época.

Atualmente a Educação Física no Ensino Médio não possui conteúdos claros, objetivos específicos ou mesmo um planejamento mais adequado para esse nível de ensino. Cada instituição de ensino segue um caminho diferente, o que vai ser tratado com mais detalhes nos próximos capítulos.

Surgem os novos Parâmetros Curriculares Nacionais, o que muda? Perguntas que tentaremos responder com esse trabalho.

2. O Aluno do Ensino Médio

Historicamente, o Ensino Médio, ou 2º Grau, como era chamado, sempre teve problemas em seu crescimento no que diz respeito ao ensino público. O governo nunca deu seu devido valor a esse nível de ensino, provocando assim, uma escassez de vagas para os jovens, principalmente de baixa renda que pretendem continuar seus estudos. Isso ocasionou o crescimento do Ensino Médio dentro das instituições educacionais particulares, ou seja, voltado, principalmente, para escolares economicamente mais favorecidos.

Segundo MAFRA e CAVALCANTI (1992), em estudo feito sobre o Ensino Médio em nove estados, *“para as camadas populares, o 2º Grau permanece uma instância educacional ainda inacessível à maioria”*. Não somente pela escassez de vagas na rede pública, mas também porque muitos jovens desde cedo já iniciam sua vida de trabalhador, para ajudar na renda familiar. Com esse quadro, os períodos noturnos de Ensino Médio, tanto particular quanto público, se tornam a melhor opção, lembrando que nesse turno as aulas de Educação Física são optativas, e a maioria opta por não tê-las.

Outro aspecto a ser considerado, é a idade dos alunos que compõem esse nível de ensino. Teoricamente esses alunos devem completar seus estudos entre 17 e 18 anos, o que não ocorre, principalmente, na rede pública.

“Apesar das dificuldades que se impõem a grande parte da população, esperava-se encontrar, no 2º Grau, uma maioria de estudantes na faixa etária prevista oficialmente para sua conclusão, porquanto os que permanecem tendem ainda, a

ser de origem socioeconômica mais elevada e, portanto, com uma trajetória escolar mais regular.” (MAFRA e CAVALCANTI, 1992, p.61).

Com isso, podemos ter a percepção de que é uma minoria da população que consegue alcançar o término da educação básica na faixa etária de 17 a 18 anos de idade em nosso país.

Quanto à constituição das classes no quesito gênero, atualmente o número de meninos e meninas é proporcional, sendo que, em alguns casos o número de meninas ultrapassa o de meninos, o que não acontecia antigamente, as meninas não chagavam em número significativo ao final do segundo grau e os meninos abandonavam a escola pelo trabalho.

2.1. Adolescência x Puberdade

Como sabemos, o aluno do Ensino médio, além dos aspectos sócio-econômicos analisados, tem como característica sua fase de vida bem peculiar: a transição da infância para a fase adulta, a qual chamamos de adolescência.

Muitos estudos foram feitos sobre os adolescentes e três fatores principais são característicos dessa fase, são eles: as mudanças físico-biológicas no corpo do indivíduo; os conflitos psicológicos; e os conflitos sociais pelos quais esses indivíduos passam.

Biologicamente esse aluno está na fase final da puberdade, a qual é responsável pelas mudanças físicas, ou seja, seu corpo já é adulto, em grande parte dos casos, ele já está pronto para se reproduzir, o crescimento e desenvolvimento desse corpo, biologicamente, já foi concluído ou está perto de ser. Porém, puberdade não é sinônimo de adolescência. Adolescência é uma criação cultural, que possui características específicas inseridas em

cada cultura. A adolescência nada mais é do que uma invenção social (GALLATIN, 1978), ao contrário da puberdade que acontece em qualquer indivíduo, independente de raça, cultura ou religião.

Em nossa sociedade não temos uma faixa etária exata para o término da adolescência, pois essa chega quando o indivíduo se torna independente financeiramente, podendo isso ocorrer aos 18 anos quanto aos 30 anos. Atualmente está ocorrendo um aumento dessa média de idade por vários motivos sociais.

“Erikson (1987) denominou de ‘crise’ a fase adolescente, pois acreditava que os jovens, nesta etapa da vida, colocam em cheque sua orientação familiar seus padrões incorporados pelo tipo de criação, características que os levam a um processo de luta contra a sociedade. Tais crises seriam encaradas como a forma pela qual o adolescente tem de se afirmar, de reorganizar, e não pode ser vista como algo nocivo.”(ERIKSON apud RANGEL-BETTI, 1998, p. 45).

Essas são as características que aqui chamo de conflitos sociais. O adolescente não consegue lidar com a família, questiona a sociedade, os problemas políticos e principalmente seu futuro, qual a melhor carreira a seguir. Segundo Rangel-Betti:

“O jovem, sentindo mudanças físicas em seu corpo, percebe que existe uma outra mudança ocorrendo, que é a sua integração no mundo adulto, agora não mais como criança, mas como alguém capaz de dar opiniões refletidas sobre o mundo. O futuro o amedronta e, ao mesmo tempo, o deixa fascinado. Ele sente então, uma necessidade de mudar o

mundo, daí suas crises de insatisfação.” (RANGEL BETTI, 1998, p.45)

É neste período que o jovem obtém notável desenvolvimento intelectual, que surge com o desenvolvimento do que Piaget chamou de raciocínio hipotético-dedutivo (MARTINI, 2001). Também é nesse momento que o jovem fecha conceitos como regras, moral e ética, já sabe distinguir entre o que é certo e o que é errado, não só para si como para a sociedade. Cria-se assim a consciência de cidadania, reflexões e extrema autonomia de suas ações. O papel dos pais, que permitem ou não uma tomada de decisão, é fundamental. Pais que dificultam a participação na escolha da escola e da futura profissão estão, com certeza, atrapalhando a tomada de consciência de identidade dos filhos.

Quanto ao âmbito psicológico, o adolescente não possui ainda maturidade emocional e está em busca de sua própria identidade, não somente dentro da sociedade, mas para si mesmo. Emocionalmente não está preparado para assumir relacionamentos duradouros e consistentes, é normal a troca freqüente de parceiros. Atualmente isso é mais evidente, já que o jovem “fica” com pessoas diferentes a cada final de semana, tendo experiências variadas e podendo conhecer outras pessoas até que encontre aquela com quem deseja se relacionar.

Outro aspecto característico dessa fase é a busca por um grupo de pessoas com interesses comuns, o que atualmente chamamos de “tribos”, que são grupos de adolescentes que se vestem iguais, ouvem as mesmas músicas, vão aos mesmos lugares, porém respeitam a individualidade de cada um. É dentro dessas tribos ou grupos de amigos que o adolescente tenta se encontrar, achar sua identidade e é onde quer ser aceito. A aproximação com outros jovens será mais necessária se as diferenças com os pais forem

muito grandes. Além disso, as regras dos grupos são sempre mais flexíveis do que as regras adultas, principalmente a autoridade. *“A definição da identidade necessita de heróis, modelos, líderes ou até mesmo de campeões. O grupo de amigos assume primordial importância, pois pensam e até mesmo agem igual, confortando uns aos outros”* (RANGEL BETTI, 1998, p. 46).

Temas como sexo, AIDS e drogas são essenciais e devem ser discutidos nessa faixa etária, na qual os indivíduos estão em busca de novas experiências, e em alguns casos deixam de lado a responsabilidade que essas novas experiências podem acarretar prejuízos para o resto da vida.

Com relação à política, pode-se dizer que, de uma maneira geral o jovem atual possui um conhecimento restrito e superficial comparando-se com as gerações passadas. A decepção com os políticos e com os partidos fazem com que poucos se engajem em algum partido. Talvez a própria sociedade capitalista em que vivemos, que incentiva o consumo e a individualidade, seja responsável igualmente pela apatia em que se encontram os adolescentes. Dentro do atual sistema educacional, vemos o descaso com a formação de líderes sociais e políticos, em muitas escolas nem o grêmio estudantil existe mais, reafirmando a apatia dos jovens com a política (RANGEL BETTI, 1998).

2.2. O Sentido da Educação Física em Alunos do Ensino Médio

Em estudos feitos sobre o sentido da Educação Física para escolares do Ensino Médio, constatou-se que os mesmos não sabem o real significado do termo Educação Física e quais são os seus objetivos. Para muitos, Educação Física nada mais é do que jogar, praticar esportes e ginástica (JONES, 1991).

Em discursos como: *“(...) eu acho que Educação Física é uma distração, né? E serve pra manter o corpo em forma...”* e *“(...) eu acho que Educação Física, eu considerava pra mim um lazer, uma hora pra relaxar.”* (JONES, 1991, p. 69) estão refletidos os conceitos ligados à área.

Podemos notar o sentido dado à Educação Física como uma “válvula de escape” do cotidiano, ou seja, *“o adolescente encontra, na Educação Física, a possibilidade de movimentar-se, podada pela complexidade das outras disciplinas escolares que não utilizam o movimento”* (RANGEL BETTI, 1998, p. 54).

Quando os alunos são indagados sobre a importância da Educação Física, em sua maioria a resposta é positiva, porém, os que não praticam esportes, sugerem que essas aulas poderiam ser melhores ministradas. Como nessa faixa etária o principal conteúdo passado é esporte, vemos que *“para alguns jovens o interesse pelo esporte é crescente até o ponto de tornarem-se atletas. Para outros, o interesse pela atividade física na escola é decrescente.”* (RANGEL BETTI, 1998, p.53)

Outro ponto a ser considerado é quando colocamos em questão o que os alunos imaginam da Educação Física e o que almejam. Muitos desses alunos não conseguem responder a esse aspecto por não estarem acostumados a serem questionados nesse âmbito (JONES, 1991). Muitos alunos pensam a Educação Física como uma aula que deve proporcionar prazer, não contendo “atividades puxadas”, outros defendem a introdução de teoria nas aulas, explicação de regras, objetivos e metodologia. É o que é expresso no seguinte relato obtido por Jones:

“(...) eu gostaria que fosse mais direcionada com o meu curso, entendeu? Que tivesse metodologia, entendeu? E uma

parte de objetivo. Eu procuro muito o objetivo das coisas, entendeu? Então eu acho que a Educação Física tem que ser feita dessa forma mesmo, você falar o objetivo para resgatar justamente isso, que as pessoas não sabem porque fazem e acham que é uma brincadeira.”
(JONES, 1991, p. 76)

Mesmo tendo de formas diferenciadas respondido a questão aqui abordada, os alunos desejam de uma certa forma, um mesmo ideal para as aulas de Educação Física. Vânia B. Jones justifica:

“A coletividade, portanto, produz seus imaginários sociais a partir de seus valores, preconceitos, ideologias, crenças apontando a sua identidade e as suas aspirações, interferindo dessa forma na constituição das representações da Educação Física.” (JONES, 1991, p.79)

A definição de Educação Física para cada educando é diferente, isso porque esta é relacionada com as vivências, experiências e cultura de cada indivíduo. Entretanto, para a maioria a Educação Física é uma disciplina, que se for bem trabalhada, é fascinante para o adolescente.

“Ou seja, o corpo do jovem encontra-se ainda livre dos condicionamentos políticos, morais, psicológicos ou sociológicos que lhes serão impostos futuramente pelos adultos. Seu corpo tornou-se uma unidade privilegiada de expressão e comunicação, capaz de libertá-lo das tensões externas e até mesmo fisiológicas. No jogo ele é livre, esquece-se do mundo e entra em um estado de ‘esquecimento temporário’ do mundo exterior.”
(RANGEL BETTI, 1998, p.54).

3. Sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio na Educação Física (PCNEM – EF)

Não é objetivo deste capítulo fazer uma análise crítica sobre o conteúdo dos PCNEM dentro da área de Educação Física. Outros estudos já foram feitos nesse aspecto, apontando vários problemas na formulação do documento, sendo um deles o embasamento teórico, no qual são utilizadas diferentes teorias existentes dentro da área, causando com isso, contradições conforme o documento foi regido. Entretanto, o objetivo desse capítulo é dar ao leitor uma noção básica da proposta da Educação Física no Ensino Médio feita pelo MEC. Cabe ao leitor fazer sua análise pessoal.

Os PCNs são um documento feito em 1998, tendo como base as Leis de Diretrizes e Bases (LDB) promulgadas em 1996, que objetiva uma orientação pedagógica dos conteúdos trabalhados dentro das instituições educacionais, ou seja, conduzir o professor em seu planejamento de aulas, tentando, com isso, diminuir as diferenças do ensino existente entre as escolas públicas e privadas. Esse documento está dividido em níveis escolares, ou seja, Ensino Fundamental ciclos 1, 2, 3 e 4 e Ensino Médio. Cada nível de ensino tem os conteúdos específicos divididos em áreas, como por exemplo, no Ensino Médio, essas áreas são: Área de Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, onde se encontram as disciplinas de Biologia, Física, Química e Matemática; Área de Ciências Humanas e suas Tecnologias, onde estão as disciplinas História, Geografia, Filosofia e Sociologia; e a Área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, onde se

encontram as disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Educação Física, Artes e Informática.

Como foi citado acima, a Educação Física se encontra na Área de Linguagens e Códigos e suas Tecnologias, a qual tem como objetivos gerais os seguintes itens:

- Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de: organização cognitiva da realidade pela instituição de significados, expressão, comunicação e informação.
- Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.
- Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.
- Respeitar e preservar as diferentes manifestações da linguagem utilizadas por diferentes grupos sociais, em suas esferas de socialização; usufruir do patrimônio nacional e internacional, com suas diferentes visões de mundo; e construir categorias de diferenciação, apreciação e criação.
- Utilizar-se das linguagens como meio de expressão, informação e comunicação em situações intersubjetivas, que exijam graus de distanciamento e reflexão sobre os contextos e estatutos de interlocutores e colocar-se como protagonista do processo de produção/recepção.
- Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização de mundo e da própria identidade.
- Conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informação e a outras culturas e grupos sociais.
- Entender os princípios das tecnologias da comunicação e da informação, associá-las aos conhecimentos científicos,

às linguagens que lhe dão suporte e aos problemas que se propõe a solucionar.

- Entender o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida, nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.
- Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para a sua vida.

Não é o intuito deste trabalho fazer observações quanto a esses objetivos, apenas temos a pretensão de situar o leitor dentro do contexto ao qual os PCNEM de Educação Física foram escritos.

3.1. O Conhecimento em Educação Física dentro dos PCNs

“Aproximar o aluno do Ensino Médio, novamente à Educação Física de forma lúdica, educativa e contributiva para o processo de aprofundamento dos conhecimentos é o objetivo do que aqui será proposto.” (Documento PCNEM, p. 28 1998). Com o objetivo definido, o documento segue fazendo uma breve análise do que vem acontecendo nas aulas de Educação Física nesse nível de ensino, cita o problema de como o esporte é trabalhado dentro da escola, sendo esse o principal conteúdo dado nas aulas, o problema do aumento da evasão de alunos que acontece no Ensino Médio, e mais para a frente é citado o problema da infra-estrutura (tanto física como a falta de materiais) existentes nas escolas atualmente.

A legislação aponta como finalidades específicas:

“o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do

pensamento crítico; e a compreensão dos fundamentos científicos-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando teoria e prática” (PCNEM, 1998, p.28).

Mas isso está claro que não acontece nas aulas de Educação Física que são ministradas atualmente. No PCNEM há uma discussão sobre as necessidades do aluno de Ensino Médio, fazendo uma crítica ao que ocorre realmente dentro da escola. Segundo o documento:

“O Ensino Médio compõe o ciclo de aprofundamento da sistematização do conhecimento. O aluno começa a compreender e explicar que há propriedades comuns e lida com a regularidade científica, podendo a partir dela adquirir algumas condições para ser produtor de conhecimento científico, quando submetido à atividade de pesquisa.”

Quando pensamos nas aulas de Educação Física dentro do Ensino Médio, observamos apenas o esporte com conteúdo e mesmo esse não é trabalhado de uma maneira adequada. *“A influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos não o esporte da escola, mas, sim, o esporte na escola”* (SOARES apud PCNEM, p. 29, 1998). Os professores não lidam com esporte de forma pedagógica, não criam discussões a respeito do assunto, o que seria de grande valia para a faixa etária, e principalmente não justificam seu aprendizado.

O professor de Educação Física adquire, em sua formação, uma bagagem de conhecimentos considerável, principalmente no sentido biológico. A explicação fisiológica dos benefícios da atividade física para o indivíduo, deve fazer parte do conteúdo das aulas.

Passar conhecimentos que vão além da prática dentro das aulas é um ponto defendido nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

“Assim, não somente podemos apresentar-nos como competentes profissionais, no momento da organização de campeonatos escolares, como também, orientando os alunos na apresentação de trabalhos na Feira de Ciências da escola, exibição de conceitos adquiridos nas aulas, através de painéis e cartazes, e até a criação de eventos exclusivos da área: semana da saúde, sábados recreativos, torneios envolvendo a comunidade etc” (PCNEM, 1998, p. 33).

O documento prega que os professores devem passar conhecimentos de saúde, como o exercício deve ser realizado corretamente, o quanto deve variar a frequência cardíaca e tudo o mais que cabe à Educação Física como manutenção da saúde. Todos esses conhecimentos devem ser passados através da utilização de práticas corporais que compõem nossa cultura corporal: *“o aluno do Ensino Médio, após ao menos onze anos de escolarização, deve possuir sólidos conhecimentos sobre aquela que denominamos de cultura corporal” (PCNEM, 1998, p.38).*

Em suma, os PCNs, após discussão sobre várias teorias da Educação Física, nos diz que os conteúdos a serem trabalhados são todos aqueles ligados a cultura corporal (dança, jogos, esporte, ginástica e lutas), relacionando-os à conhecimentos de saúde e fisiologia do esforço, criando sujeitos conscientes e críticos aos modismos a ao fenômeno do esporte; fazendo com que o aluno não perca seu gosto pela atividade física e que tenha autonomia para realizá-las corretamente e; principalmente, que esse aluno leve sempre consigo os

valores (respeito com o colega, com o adversário, cooperação, solidariedade, entre tantos outros) que as aulas de Educação Física devem passar aos educandos. Quanto aos professores, esses devem sempre estar incentivando a prática de atividades físicas, reciclando seus conhecimentos na área e respeitando a individualidade e cultura de cada aluno.

“As visões, fantasias e decisões sobre o próprio corpo e saúde, base para um desenvolvimento autônomo, poderão ser mais bem orientadas se as aprendizagens da escola estiverem significativamente relacionadas com as preocupações comuns na vida de todo jovem: aparência, sexualidade e reprodução, consumo de drogas, hábitos de alimentação, limite e capacidade física, repouso, atividade, lazer”. (PCNEM, 1998, p.94)

4. Análise dos Dados

Para uma melhor compreensão dos dados, como já foi dito no capítulo de metodologia, as características de cada escola foram divididas por categorias, as quais serão expostas em forma de quadros obtendo uma melhor visualização dos dados adquiridos, os quais foram obtidos através de relatórios feitos por grupos de alunos, sendo que cada grupo visitou uma escola diferente. Após a exposição dos quadros, será feita a discussão, tentando relacionar todos os dados obtidos ao principal tema deste trabalho: o conteúdo que está sendo trabalhado nas instituições de Ensino Médio nas aulas de Educação Física.

• QUADRO 1: Categoria A – Tipo de Escola

	Escola Particular	Escola Pública
Escola 01		X
Escola 02		X
Escola 03	X	
Escola 04		X
Escola 05		X
Escola 06		X
Escola 07	X	
Escola 08		X
Escola 09		X
Escola 10	X	
Escola 11		X
Escola 12	X	

Observando o QUADRO 1, da categoria A, vemos que os dados obtidos em sua maioria foram de escolas públicas (8 de 12 escolas são públicas), o que nos possibilita uma visão mais detalhada do ensino público em nossa região.

• **QUADRO 2: Categoria B - Infraestrutura da Escola**

	Espaço Físico*	Materiais**
Escola 01	Bom	Diversificado
Escola 02	Ruim	Diversificado
Escola 03	Bom	Diversificado
Escola 04	Ruim	Restrito
Escola 05	Bom	Diversificado
Escola 06	Bom	Restrito
Escola 07	Razoável	Diversificado
Escola 08	Bom	Diversificado
Escola 09	Razoável	Diversificado
Escola 10	Bom	Diversificado
Escola 11	Razoável	Diversificado
Escola 12	Ruim	Diversificado

* Para a classificação deste item, foi feita uma análise quanto ao número de quadras, sendo bom para as escolas que possuem pelo menos duas quadras, sendo uma coberta, razoável para as que possuem duas quadras e nenhuma coberta e ruim para as que não possuem quadras cobertas ou poliesportivas.

** Para a classificação deste item, foi analisada a quantidade e qualidade dos materiais, sendo diversificado as escolas que possuem materiais em grande quantidade e não somente bolas, e considerado restrito as escolas que possuem materiais em pouca quantidade e somente bolas de modalidades esportivas.

Através do QUADRO 2, categoria B, podemos notar que das 3 escolas que tiveram classificação de espaço físico ruim, duas são públicas. Mas se analisarmos proporcionalmente, 25% de cada tipo de escola possui espaço físico ruim. Quanto aos materiais, as duas escolas que possuem materiais restritos são públicas, mas a maioria oferece materiais diversificados, ou seja, que não se restringem apenas em bolas, sem contar com materiais alternativos, mas sim em materiais de ginástica, jogos de tabuleiro, etc. Algumas dessas escolas, mesmo não sendo apontado na tabela, oferecem, além de uma diversidade de materiais, uma quantidade também significativa.

• **QUADRO 3: Categoria C – Agente Pedagógico**

	O professor se atualiza?	Tempo de Experiência	O professor está motivado?*
Escola 01	Sim	10 anos	Sim
Escola 02	...	1½ anos	...
Escola 03	Sim	9 anos	Sim
Escola 04	Não	14 anos	...
Escola 05	Sim	15 anos	...
Escola 06	Sim	12 anos	Não
Escola 07	Sim	18 anos	...
Escola 08	...	12 anos	Não
Escola 09	...	...	Não
Escola 10	Sim	15 anos	Sim
Escola 11	Não	15 anos	Não
Escola 12	Sim	5 anos	Sim

* Esse item foi analisado conforme a observação do aluno que foi diretamente assistir as aulas de Educação Física, sendo de responsabilidade dos mesmos os critérios para o professor estar ou não motivado.

No QUADRO 3, da categoria C, gostaria de dar ênfase ao fato de que 7 dos 12 professores se atualizam, sendo que todos que atuam na rede particular fazem parte desse grupo. Nesse resultado podemos ver com bons olhos, pois a maioria dos professores que se atualizam já possui mais de 8 anos de experiência, uma boa fórmula para dar boas aulas: experiência com conhecimento atual. Porém quando falamos de motivação, os professores que se mostram motivados, em sua maioria, estão nas escolas particulares, 75% deles contra 12,5% da rede pública.

• **QUADRO 4: Categoria D – Caracterização das Aulas**

	Aulas planejadas?	Nº de aulas por semana	Relação professor / nº de alunos	Tempo de duração das aulas
Escola 01	Sim	2	...	45'
Escola 02	Não	1	1/40	...
Escola 03	Sim	2	1/30	50'
Escola 04	Sim	2	1/39	50'
Escola 05	Sim	2	1/32	50'
Escola 06	Sim	1	1/53	50'
Escola 07	Sim	1	1/35	50'
Escola 08	Sim	...	1/45	...
Escola 09	Não	...	...	...
Escola 10	Sim	1	2/27	50'
Escola 11	Não	2	1/40	55'
Escola 12	Sim	1	1/35	55'

Quanto à caracterização das aulas (QUADRO 4, categoria D), podemos ver que ainda há instituições de ensino que mantêm duas aulas por semana (5 de 12), um ponto a favor, sendo que 4 escolas são públicas, ou 50% delas, e somente uma é particular, 20% delas. Outro dado bastante interessante é que tanto a escola pública quanto a escola particular, possui somente um professor para ministrar as aulas, o que não acontecia antigamente, onde as turmas eram separadas por sexo, sendo que um professor homem trabalhava com os meninos e uma professora trabalhava com as meninas. Mesmo tendo citado no quadro, em todas essas escolas analisadas não há divisão por sexo nas aulas de Educação Física. Quanto ao tempo de duração das aulas, não há uma grande variação entre as escolas, o que faz a diferença é quantas aulas com esse tempo tem-se por semana para fazer um planejamento mais diversificado.

Em seguida, exponho o quadro de conteúdos que são trabalhados nas escolas analisadas. Segue-se, então, uma discussão relacionando esses conteúdos com os itens acima discutidos.

• **QUADRO 5: Tabela dos Conteúdos das aulas de Educação Física**

	Conteúdo das Aulas
Escola 01	Teoria ligada a Ed. Física e Treinamento em Esportes
Escola 02	Futebol e Voleibol
Escola 03	Condicionamento Físico, Treinamento em Esportes e Teoria
Escola 04	Jogos Pré-Desportivos e Esportes
Escola 05	Esportes Coletivos: futebol, voleibol, basquetebol e handebol
Escola 06	Voleibol, Futebol, Dama e Tênis de Mesa
Escola 07	Esportes Coletivos: futebol, voleibol, basquetebol e handebol, Atletismo
Escola 08	Esportes e Jogos de Tabuleiro
Escola 09	Os alunos que definem
Escola 10	Esportes Coletivos: futebol, voleibol, basquetebol e handebol
Escola 11	Esportes
Escola 12	Atletismo, Ginástica Artística e Jogos de Tabuleiro

Observando o QUADRO 5, podemos ver com nitidez que o principal conteúdo das escolas analisadas é o Esporte, em sua maioria os esportes coletivos “tradicionais”. Em apenas duas notamos o trabalho de teoria dentro da área de Educação Física, sendo uma escola pública e a outra particular, sabendo-se que a teoria trabalhada é de fundo biológico, relacionada com a aptidão física e saúde. Apenas uma trabalha Ginástica e uma outra, Atletismo. Não podemos ignorar o fato de que também os jogos de tabuleiro se fazem presente significativamente, três das doze escolas os utilizam como conteúdo, sendo duas escolas públicas e uma particular. O tênis de mesa aparece somente em uma escola pública.

Relacionando esse quadro com os demais, chega-se à conclusão que mesmo a maioria das escolas possuindo uma boa infraestrutura (tanto de espaço físico como possuindo materiais diversificados), a maioria dos professores tendo a preocupação de se atualizar e fazer planejamentos, o principal conteúdo em ambas modalidades de escola, é o Esporte. Não há diferenças gritantes entre as escolas públicas e as privadas nas características aqui analisadas, a única diferença que nos chama a atenção é no âmbito da motivação, no qual a maioria dos professores que se sente motivada, trabalha em escolas particulares. Um dos motivos deve ser as condições precárias que os professores da rede pública tem que enfrentar para poder dar aula, como baixos salários, falta de cooperação de outros docentes ou até mesmo da escola, o descaso dos alunos para a aprendizagem, entre outros. Um forte exemplo dentro dos dados exposto é o da Escola 10, onde podemos concluir que o professor já desistiu totalmente do seu papel de educador e orientador das aulas, simplesmente são os alunos que escolhem o conteúdo das aulas, havendo assim, o famoso “rola-bola”.

5. Considerações Finais

Após a discussão dos dados obtidos e uma revisão bibliográfica, chega-se a conclusão que as aulas de Educação Física dentro do Ensino Médio não estão sendo tratadas com a devida preocupação, tanto em instituições educacionais públicas como nas particulares. A forma de oferecer as aulas parece inadequada, já que, como vimos durante a pesquisa, os alunos desse nível de ensino não possuem consciência da importância da Educação Física dentro da escola, muito menos têm conhecimento dos objetivos da mesma. Temos como principal e quase exclusivo conteúdo o Esporte, mas não o Esporte como prática exploratória de objetivos pedagógicos, mas sim o Esporte “rola-bola”, sem discussões e orientações adequadas para a sua prática, com regras oficiais de esportes de alto nível, com alto grau de competitividade, um Esporte “sem educação”.

“Em síntese, para o esporte ter um tratamento pedagógico na escola, deverá possibilitar aos alunos o desenvolvimento motor (aquisição de habilidades básicas e específicas), o desenvolvimento das inteligências, trabalhar a auto-estima e, por fim, facilitar as intervenções dos professores no sentido de trabalhar princípios essenciais à sua educação (cooperação, participação, emancipação, co-educação e convivência)”. (PAES, 2002, p. 95).

Um agravante é que, segundo os dados obtidos, a maioria dos professores (7 de 12) se atualizam e já possuem mais de dez anos de experiência, porém esse conhecimento que está sendo acumulado não está sendo passado para seus alunos; a escola oferece ainda uma

boa infra-estrutura, tanto em espaço como em diversificação dos materiais; e mesmo assim, nos planejamentos o esporte é o principal conteúdo. A única explicação que vejo é que Educação Física, atualmente, é sinônimo de Esporte, conceito esse que foi enraizado em nossa sociedade historicamente com a “mundialização” do esporte, com a esportivização da Educação Física Escolar e com o poder da mídia em torno desse assunto, criando verdadeiros heróis dentro de cada modalidade esportiva.

No entanto, se pensarmos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e sua proposta, o que podemos considerar um “ideal” a ser alcançado nas aulas, chegamos à outra problemática: sabe-se que pouquíssimos professores têm conhecimento desse documento, alguns não sabem de sua existência e os que sabem, não o leu com a devida atenção, mesmo esse tendo sido distribuído para toda a rede pública de ensino .

Por fim, nós professores, devemos ter o conhecimento necessário para quebrarmos paradigmas, planejarmos aulas mais criativas que usem o vasto conteúdo da nossa cultura corporal (ginástica, dança, lutas, jogos e esportes) e, com isso, passemos para nossos alunos autonomia, consciência e criticidade para que eles se tornem pessoas capazes de escolher com bons critérios a atividade física que irão praticar e os benefícios que essas lhe trarão à manutenção da saúde e que criemos cidadãos mais “humanos”, ou seja, mais solidário, cooperativo, capaz de respeitar o outro e que consiga viver de uma forma moral dentro de nossa sociedade.

6. Bibliografia

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdos. Presses Universitaires de France, Ed. Edições 70; Lisboa, 1977.

CASTELLANI, Lino. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas; Ed. Papirus, 1994.

CRUZ, C. & RIBEIRO, U. Metodologia Científica: teoria e prática. Rio de Janeiro; Ed. Axel Book do Brasil, 2003.

GALLATIN, J. E. Adolescência e Individualidade – uma abordagem conceitual da psicologia da Adolescência. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1978.

JONES, Vânia Baroni. Representações do Sentido da Educação Física em Escolares de 2º Grau. Dissertação de Mestrado, UGF, 1991.

MAFRA, L.A. & CAVALCANTI, E. de C. O Ensino Médio no Brasil: da Ruptura do Privilégio à Conquista do Direito. Brasília; INEP, 1992.

MARTINI, Thábata Persinotti. A (In) Disciplina nas Aulas de Educação Física no Ensino Médio. Trabalho realizado para a conclusão da disciplina EL 406; Campinas, 2001.

MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – Educação Física. Brasília, 1998.

PAES, R. R. A Pedagogia do Esporte em Jogos Coletivos. In: DE ROSE Jr., Dante. Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre; Ed. Arimed, 2002.

PELLEGRINOTTI, Ídico. Educação Física no 2º. Grau: Novas Perspectivas? In: PICCOLO, Vilma I. Nista (Org.). Educação Física Escolar: Ser... ou não Ter?. Campinas; Ed. Unicamp, 1993.

PÉREZ GALLARDO, J. S. Educação Física Escolar do Berçário ao Ensino Médio. Rio de Janeiro; Ed. Lucerna, 2003.

MOREIRA, Wagner Wey. Educação Física Escolar: A Busca da Relevância. In: PICCOLO, Vilma I. Nista (Org.). Educação Física Escolar: Ser... ou não Ter?. Campinas; Ed. Unicamp, 1993.

RANGEL BETTI, Irene Conceição. Educação Física e o Ensino Médio: Analisando um Processo de Aprendizagem Profissional. Tese de doutorado; São Paulo, 1998.

SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. 21^a. Edição; São Paulo; Ed. Cortez, 2000.

SOARES, Carmen. Educação Física: Raízes Européias e Brasil. Campinas, Ed. Autores Associados, 1994.

ANEXO

ANEXO 1 – ROTEIRO DE VISITAS

O objetivo das visitas em escolas de Ensino Fundamental e Médio (1º e 2º Graus) é o de propiciar à vocês a oportunidade de observar o transcorrer de 3 seqüências de aulas de Educação Física e de colher informações detalhadas sobre a dinâmica desta Disciplina na Escola.

Para isso é muito importante que você não só observe o que ocorre aparentemente, mas que procure decifrar também o que acontece nas entrelinhas, através de conversas com alunos, professores, diretores, funcionários.

Para facilitar seu trabalho indicamos alguns tópicos que poderão guiar sua observação e levar a algumas reflexões.

Quanto à Escola:

- Tipo: Particular/Pública
- Localização: Periferia, Centro Urbano, Zona Rural
- Instalações Esportivas/Recreativas, material disponível
- Relacionamento entre professores
- Relacionamento Professor x Direção

Quanto à Classe:

- Série
- Horário
- Sexo
- Número de Alunos
- Média de Idade

Quanto ao Professor:

- Sexo
- Tempo de Experiência
- Aulas por Semana
- Aspectos positivos que vê na profissão
- Aspectos negativos que vê na profissão
- Formação profissional
- Atualização
- Relacionamento com os alunos
- Elaboração e utilização de Planejamento
- Atribuições

Quanto à Aula:

- Clima
- Conteúdo/Atividade
- Relação com o Planejamento
- Interação Professor x Aluno
- Motivação

ANEXO 2 – ANÁLISE INICIAL DOS RELATÓRIOS

Características:

- escola (particular ou pública)
- nº de aulas por semana
- nº de alunos por professor
- infra-estrutura
- se há planejamento das aulas
- conteúdos trabalhados durante as aulas
- formação do professor

RELATÓRIO 12:

Ano: 2002

Escola Particular

Cidade: Holambra

- As aulas são ministradas fora do período letivo;
- Não há espaço disponível na escola, um clube é alugado, material utilizado do próprio clube. Divide esse espaço com as outras atividades do clube.
- Para o 3º ano a aula de E.F. é facultativa por causa do vestibular.
- 1 aula por semana de 55 minutos.
- A classe não é dividida por sexo.
- 35 alunos por turma e 1 professor.
- Conteúdo das aulas: atletismo, ginástica artística e jogos de tabuleiro (falta de espaço).
- Professor formado pela Unicamp, com especialização em Esportes Coletivos, 5 anos de experiência. Apesar de sua motivação, reclama de problemas burocráticos.
- Muitos alunos deixam de fazer a aula.

RELATÓRIO 11:

Ano: 2002

Escola Pública

Cidade: Campinas

- Infra-estrutura: 2 quadras, sendo uma coberta.
- Materiais diversos (bolas, raquetes, tacos de beisebol, colchonetes, arcos, cordas, banco sueco).
- 2º ano com 40 alunos e uma professora.
- Duas aulas por semana de 55 minutos cada.
- Professora formada pela Unisantos, 15 anos de experiência, sem nenhuma atualização dentro da área.
- Quando é aula de futebol, a turma é dividida por sexo.
- Não há um planejamento definido.
- Não há motivação da professora (descaso com a aula) e os alunos não ligam.

RELATÓRIO 10:

Ano: 2002

Escola Particular

Cidade: Bebedouro

- Infra-estrutura: 2 quadras poliesportivas descobertas, 1 ginásio, piscina semi-olímpica.
- Materiais bem diversificados.
- 1º ano com 27 alunos e dois professores.
- Aula dividida por sexo, cada um com um professor.
- 1 aula por semana de 50 minutos.
- Participação total dos alunos na aula.
- Professor formado pela Faculdade Moura Lacerda de Jaboticabal, 15 anos de experiência, possui pós-graduação em Treinamento em Esportes.
- Bom relacionamento com os alunos.
- Conteúdo das aulas: as quatro modalidades esportivas básicas (vôleibol, basquetebol, futebol e handebol).
- Professor motivado.

RELATÓRIO 9:

Ano: 2001

Escola Pública

Cidade: Campinas

- Infra-estrutura: 1 ginásio, 1 quadra poliesportiva em situação precária, 1 mesa de tênis de mesa.
- Materiais diversos (bolas e GRD - precário).
- Não há planejamento das aulas.
- 3-4 turmas juntas – desorganização.
- Não há intervenção do professor nas aulas, os alunos são quem comandam.
- O professor não tem domínio da turma.
- Desvinculação e não comprometimento das duas partes – professor e alunos – para com a aula.

RELATÓRIO 8:

Ano: 2002

Escola Pública

Cidade: Americana

- Infra-estrutura: 2 quadras poliesportivas, sendo uma coberta, 1 campo de futebol.
- Materiais diversos (bolas, jogos de tabuleiro).
- 1º ano com 45 alunos com um professor.
- Professor formado pela Puccamp, 12 anos de experiência.
- Participação ativa nas reuniões pedagógicas.
- Não há divisão por sexo.
- Há um planejamento anual.
- Bom relacionamento entre professor e alunos.

- Conteúdo das aulas: as 4 modalidades esportivas básicas e jogos de tabuleiro.
- Desmotivação dos alunos durante a aula, porém ele não faz modificações.

RELATÓRIO 7:

Ano: 2002

Escola Particular

Cidade: São Paulo

- Infra-estrutura: 1 quadra de voleibol e 1 quadra poliesportiva, ambas descobertas.
- 3º ano com 35 alunos com um professor.
- Uma aula por semana de 50 minutos.
- Separação dos sexos durante a aula.
- Alunos bem motivados, aula como sinônimo de compensação (desestressar, descontração).
- Bom relacionamento entre professor e alunos.
- Planejamento anual.
- Conteúdo das aulas: as 4 modalidades esportivas básicas, beisebol e atletismo.
- Professor formado pela Faculdade de Mogi das Cruzes, especialização em Educação Infantil, 18 anos de experiência.

RELATÓRIO 6:

Ano: 2001

Escola Pública

Cidade Campinas

- Infra-estrutura: 1 quadra poliesportiva coberta, 1 quadra de voleibol descoberta, 1 mesa de tênis de mesa.
- Materiais restritos, tanto em quantidade quanto em qualidade.
- 1º ano com 53 alunos e uma professora.
- Uma aula por semana de 50 minutos.
- Turma mista.
- Professora formada pela Puccamp, 12 anos de experiência, tenta se atualizar na área.
- Planejamento anual.
- Conteúdo das aulas: restrito à voleibol, futebol, tênis de mesa e jogo de damas.
- Comodismo da professora, alunos se desmotivam durante as aulas.
- Relacionamento bom entre alunos e professora.

RELATÓRIO 5:

Ano: 2001

Escola Pública

Cidade: Valinhos

- Infra-estrutura: 3 quadras poliesportivas, sendo uma coberta.
- Materiais: bolas para as 4 modalidades e para ginástica.
- 2º ano com 32 alunos com um professor.
- 2 aulas por semana de 50 minutos.

- Turma mista.
- Professor formado pela Puccamp, 15 anos de experiência, busca atualizar-se.
- Relacionamento entre professor e alunos se restringe ao profissional.
- Planejamento anual.
- Conteúdo das aulas: basicamente esportes.

RELATÓRIO 4:

Ano: 2002

Escola Pública

Cidade: Jacutinga

- Infra-estrutura: uma quadra poliesportiva.
- Material restrito, apenas bolas das 4 modalidades.
- 1º ano com 39 alunos e uma professora.
- 2 aulas por semana de 50 minutos cada.
- Turma mista.
- Professora formada pela Puccamp, 14 anos de experiência, não se atualiza.
- Bom relacionamento entre professor e alunos.
- Planejamento anual.
- Conteúdo das aulas: jogos pré-desportivos e esportes.
- Motivação dos alunos, apenas os que gostam de esportes.

RELATÓRIO 3:

Ano: 2002

Escola Particular

Cidade: Piracicaba

- Infra-estrutura: um ginásio, 6 quadras externas, 1 campo de futebol, 1 piscina semiolímpica.
- Materiais: muito diversificado.
- Aula junta os três anos do Ensino Médio.
- 2 aulas por semana de 50 minutos cada.
- Turmas mistas de 30 a 35 alunos, cada uma com um professor.
- Planejamento anual feito em equipe.
- 3 professores: dois professores formados pela Unimep, com 17 e 20 anos de experiência e se atualizam assistindo aulas na Unicamp, uma professora formada pela Unicamp, com 9 anos de experiência e especialização em Ginástica Geral.
- Conteúdo das aulas: condicionamento físico e treinamento em alguma modalidade esportiva. Explicação do conteúdo, teorias da saúde.
- Bom relacionamento entre alunos e professores, bastante motivação de ambas as partes.

RELATÓRIO 2:

Ano: 2001

Escola Pública

Cidade: Campinas

- Não há planejamento
- 40 alunos – 1º ano
- Turma mista
- Professora formada pela PUCCAMP, 1 ano e meio de experiência
- Conteúdo: futebol para os meninos e vôlei para as meninas
- Bom relacionamento com os alunos
- 1 aula por semana
- Infraestrutura: 1 quadra, mesa de tênis de mesa
- Material: bolas, arcos, cordas, tabuleiros.

RELATÓRIO 1:

Ano: 2001

Escola Pública

Cidade: Goiânia

- Infraestrutura: um ginásio, um mini-ginásio, uma sala de musculação e um salão de dança
- Material bem diversificado
- 2 aulas por semana
- Conteúdo: aulas teóricas e treinamento em esportes coletivos e individuais
- Turmas mistas nas aulas teóricas, mas são separadas nas aulas de treinamento
- Professor formado pela ESEFEGO (UEG), especialização em Treinamento Esportivo, sempre se atualiza, 10 anos de experiência
- Ótimo relacionamento com os alunos
- Planejamento anual
- Bastante motivação.